

Editorial

A colonialidade do saber e o saber situado

Juliana Tabares Quiroz*

A Revista En-Contexto da Faculdade de Ciências Administrativas e Econômicas do Tecnológico de Antioquia, Instituição Universitária, pede o reconhecimento da produção científica colombiana que reflita as necessidades e desafios que enfrentamos como sociedade e também, que se desenvolve com o mais altos padrões investigativos, mostrando-nos que a comunidade de pesquisa nacional tem um caminho a percorrer, mas está preparada para isso.

Tradicionalmente, reconhece-se que, na América do Sul, existem limitações para o desenvolvimento de pesquisas científicas. Recentemente, Julián D. Cortés (2022), pesquisador da Universidad del Rosario, nos convocou a repensar a participação da comunidade científica do sul global na elite científica global e o impacto de nossa produção de conhecimento em contextos regionais e internacionais .internacional. Cortés destaca a interação que a produção dos pesquisadores da ciência ganhadores do Prêmio Nobel tem tido com a produção dos pesquisadores da região. Isso suscita uma mudança de visão sobre a forma como se faz ciência, grandes descobertas científicas não são esforços isolados de centros de pesquisa ou universidades, ao contrário, são fruto de discussões da comunidade acadêmica em espaços como revistas, eventos acadêmicos ou de conhecimento redes. Isso implica o reconhecimento da natureza dinâmica e social da ciência.

Nesta ordem de ideias, ver a ciência e o conhecimento na sua dimensão social distancia-nos da visão positivista do conhecimento como objeto neutro, e confere-lhe historicidade, mas também a sua dimensão política. Esse reconhecimento nos questiona sobre o lugar que queremos que nossa produção de conhecimento ocupe, quem queremos impactar ou quem queremos deslumbrar, quem queremos ser reconhecidos. Isso nos leva à discussão sobre a colonialidade do conhecimento.

* Doutor em Estudos Internacionais e Administração. Mestre em Ciências da Administração e Sociologia. Professora e pesquisadora. Membro do Grupo de Pesquisa do Observatório Público. Tecnológico de Antioquia. Medellín, Colombia. juliana.tabares68@tdea.edu.co ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7444-9922>

A colonialidade do saber é a dimensão epistêmica, gnosiológica que reproduz a colonialidade do poder, “refere-se ao efeito de subalternização, folclorização ou invisibilidade de uma multiplicidade de saberes que não responde às modalidades de produção de ‘conhecimento ocidental’ ciência convencional e discurso especializado” (Restrepo, 2010, p. 136).

A colonialidade do conhecimento é o sistema hegemônico de construção do conhecimento que exclui, elimina ou limita outras formas de ver e construir o conhecimento que estão fora das convenções teológicas, filosóficas, científicas e tecnológicas eurocêntricas. Nesse ponto, o sistema hegemônico validaria o que lhe é familiar, como os procedimentos abstratos e universais para replicar a experimentação, como a condição de neutralidade e objetividade, como a gestão de instrumentos e tecnologia para ordenar, medir e controlar a natureza e o social e rejeitaria o que é mencionado por indígenas, comunidades ou regiões negras e populações ou grupos configurados de outras realidades não europeias ou centradas no ocidente.

A colonialidade do conhecimento separa o conhecimento especializado do conhecimento do mundo da vida. Nesse sentido, ele atribui à ciência o único lugar válido onde o conhecimento é produzido, o conhecimento especializado seria um elemento produzido em espaços científicos neutros e desprovidos de enunciados valorativos. A ciência, como lugar privilegiado do conhecimento especializado, retira de seus princípios o papel do pesquisador, seus interesses e particularidades, e dos atores sociais que cotidianamente constroem e reproduzem lógicas que moldam o conhecimento, tornando-o um produto passível de transformação, moldado e resgatável. O conhecimento é um produto sem sujeito.

Linda Smith (1999) afirma que o conhecimento, pensado a partir da tradição liberal, moderna, industrial, pode ser «descoberto, extraído, apropriado e distribuído em um processo organizado e sistemático» (p. 58) E continua acrescentando que «A produção do conhecimento, novos conhecimentos e transformação de antigos conhecimentos, ideias sobre a natureza do conhecimento e a validação de formas específicas de conhecimento tornam-se mercadorias da exploração colonial como outro recurso natural. (pág. 59). Essa ideia me parece muito poderosa para ilustrar o modo como o conhecimento é reificado, fetichizado, colocado na condição de entidade ou coisa e não como algo vivo, dinâmico que é produzido por pessoas em condições particulares.

A ciência ocidental, produtora de discursos especializados, seria o novo olho de Deus, aquele que pode julgar e rejeitar ou validar, sua lógica se move no posicionamento de dicotomias, de pontos extremos inconciliáveis, e que localizam diretamente o que não o é. Europeu ou ocidental no pólo oposto, não devido,

não validado. Verdade ou falsidade, conhecimento ou ignorância, objetivo ou subjetivo, neutralidade ou cobrança de valor, universal ou particular, replicável ou não replicável. Nesse sentido, a produção de conhecimento em outras latitudes se encontra entre um pêndulo que luta frágil para passar do “não-saber” ao “saber ocidental” e do qual exigem sua aprovação.

Nesse sentido, Linda Smith (1999) argumenta que formas de conhecimento não europeias, ou seja, povos indígenas da Ásia, América, Pacífico e África, seus sistemas de classificação, tecnologias e códigos de vida social começam a ser mantidos pela ciência ocidental no século XVIII, e foram registrados como «novas descobertas» da sociedade ocidental, negando a contribuição de tais sociedades. Isso enfatiza que os fundamentos do conhecimento ocidental estão no conhecimento não ocidental. O Ocidente e sua ciência são graças ao não-ocidental.

Da mesma forma, Ramón Grosfoguel levanta a egopolítica do conhecimento como aquela forma pela qual o conhecimento se manifesta desprovido de história, lugar e corpo, tornando-se assim um conhecimento universal (Restrepo e Rojas, 2010, p. 139). Como contraponto a essa perspectiva egopolítica, há a afirmação que os autores da Virada Decolonial fazem de que a produção e a apropriação do conhecimento ocorrem a partir de sujeitos historicamente situados, localizados e corporificados. Esta posição impõe novos desafios à construção de um conhecimento não europeu, que reconheça o caráter racial, sexual, de classe, de gênero, de lugar, de espiritualidade, de história e de geografia.

Edgardo Lander (2000) também critica a forma como a colonialidade do saber se alinha à colonialidade do poder. Ou seja, como o conhecimento se articula à organização do poder, referindo-se às separações dicotômicas desenvolvidas pelo Deus do Ocidente, homem x Natureza, Corpo x Mente, Razão x Mundo. Para este autor, “o mundo tornou-se o que o mundo moderno é para os cidadãos, um mecanismo desespiritualizado que pode ser captado pelos conceitos e representações construídos pela razão” (2000, p. 14).

Essas críticas e desconstruções e muitas outras que foram desenvolvidas são especialmente importantes quando pensamos sobre para quem estamos contribuindo como pesquisadores. O saber colonizado tem por finalidade continuar a reproduzir formas de controle social e legitimação da supremacia ocidental, é fundamental compreender a origem dessa supremacia e propor caminhos para reconhecer e construir diferentes olhares que rompam com o estatuto da ciência ocidental como única válida. Estar próximo dos ganhadores do Prêmio Nobel e da discussão acadêmica internacional é relevante, mas se isso for desprovido de identidade e não ajudar a resolver nossos próprios problemas, o conhecimento produzido seria vazio.

Este número da Revista En-Contexto está orientado para reconhecer a importância do conhecimento situado, para dar conta dos fenômenos sociais, organizacionais e territoriais que nos rodeiam a partir de um olhar para o território nas suas múltiplas dimensões (ambiental, planejamento, educação, e agentes sociais) mudança enriquecendo nossa posição sobre suas manifestações e configurações. Fica o convite para pensar e ressignificar o lugar que estamos construindo a partir da ciência para nossa sociedade.

Referências

- Cortes, J. (2022). Time to rethink the impact of Global South scientists? *Latin America and Caribbean Centre*. <https://blogs.lse.ac.uk/latamcaribbean/2022/12/08/time-to-rethink-the-impact-of-global-south-scientists/>
- Lander, E. (Editor) (2000). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales*. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales CLACSO.
- Restrepo, E. y Rojas, A. (2010). *Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos*. Editorial Universidad del Cauca.
- Smith, L. (1999). *Decolonizing Methodologies: Research and indigenous people*. Zed Books Ltd.

Como citar este artigo:

Tabares, J. (2022). A colonialidade do saber e o saber situado. *En-Contexto*, 10(17), 45-48. Doi: 10.53995/23463279.1176

